

ALICE TRINDADE: a pioneira
do jornalismo literário
lusófono

ALICE TRINDADE: the pioneer of
lusophone literary journalism

ALICE TRINIDAD: la pionera del
periodismo literario lusófono

Isabel Nery^{1,2}

RESUMO

Professora de Língua e Cultura inglesa em Portugal, Alice Trindade, mais interessada em estudar a realidade do que a ficção, começa a dedicar-se ao jornalismo literário pelo prazer dos textos. Mas tudo muda depois de um encontro da Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário (IALJS). Apoiada por John Hartsock, que procurava novas vozes, dá início a um percurso até aí inesperado. Torna-se a primeira mulher presidente da IALJS e dá um impulso inédito ao jornalismo literário lusófono. O seu percurso irá fundir-se com um novo fôlego dado à área, até aqui menosprezada pela academia portuguesa. A investigadora é hoje vice-presidente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), em Lisboa, que aposta no jornalismo literário como caminho para a internacionalização.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Jornalismo literário lusófono; Narrativa de Não Ficção; Lusofonia.

¹ Mestre em Comunicação pelo ISCTE, Doutoranda com tese sobre Jornalismo Literário e Neurociências, ISCSP. E-mail: isabel.nery@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1868-3183>

² Endereço de contato da autora (por correio): Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. R. Almerindo Lessa, 1300-666 Lisboa, Portugal.

ABSTRACT

Professor of English Language and Culture in Portugal, Alice Trindade, more interested in studying reality than fiction, begins to dedicate herself to literary journalism for the pleasure of the texts. But everything changes after a meeting of the International Association of Literary Journalism Studies (IALJS). Supported by John Hartsock, who was looking for new voices, he began an unexpected journey. She becomes the first woman president of IALJS and gives an unprecedented impulse to the literary journalism lusófono. Your course will merge with a new breath given to the area, hitherto overlooked by the Portuguese academy. The researcher is now vice-president of the Higher Institute of Social and Political Sciences (ISCSP) in Lisbon, which focuses on literary journalism as a path to internationalization.

KEYWORDS: Literary Journalism; Lusophone literary journalism; Nonfiction Narrative; Lusophony.

RESUMEN

Profesor de idiomas Inglés y Cultura en Portugal, Alice Trinidad, más interesados en el estudio de la realidad supera a la ficción, comienza a dedicarse al periodismo literario por el bien de los textos. Pero todo cambia después de un encuentro de la Asociación Internacional de Estudios de Periodismo Literario (IALJS). Apoyado por John Hartsock, que buscaba nuevas voces, da inicio a un recorrido hasta allí inesperado. Se convierte en la primera mujer presidenta de la IALJS y da un impulso inédito al periodismo literario lusófono. La tubería se fusionará con un nuevo impulso dado a la zona hasta ahora pasado por alto por las instalaciones portugués. El investigador es ahora vicepresidente del Instituto de Ciencias Sociales y Políticas (ISCSP) en Lisboa, que se centra en el periodismo literario como camino hacia la internacionalización.

PALABRAS CLAVE: Periodismo Literario; Periodismo literario lusófono; Narrativa de No Ficción; Mundo de habla portuguesa.

Recebido em: 16.05.2018. Aceito em: 19.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Falar de Alice Trindade é falar de jornalismo literário. Não tanto porque tenha sido a sua escolha primordial em termos acadêmicos, mas porque o jornalismo literário foi sempre um eixo da sua investigação. Mesmo quando a professora de Língua e Cultura inglesa desconhecia ainda as leis subjacentes à disciplina.

Claro que associar a palavra "leis" ao termo "jornalismo literário" é um paradoxo. Mas essa é precisamente a essência do gênero: o paradoxo. Por ser também a essência do humano. O jornalismo literário é sobretudo uma revelação do humano.

Aqui, sim – na atenção e no olhar sobre o outro – começa a vislumbrar-se o cruzamento dos caminhos de Alice Trindade com o jornalismo literário. Na melhor tradição inspirada em Kapuściński (2006, p. 92) e o mesmo é dizer, na reportagem: "A experiência de passar muitos anos entre distantes Outros ensinou-me que a atitude amistosa em relação a outro ser humano é a única que lhe pode dar um acorde de humanidade.

Professora de estudos ingleses e alemães, investigadora em estudos americanos, portuguesa, Alice Trindade começa a interessar-se pelas temáticas do jornalismo literário ainda jovem, quando praticava o Inglês como intérprete na fábrica de têxteis onde o pai trabalhava, no norte de Portugal.

Sabe-o agora, aos 59 anos, com mestrado e doutoramento¹ debruçados sobre autores e temas do jornalismo literário. Na altura tratava-se do singelo e desinteressado encontro entre duas paixões. Os livros – companheiros de trabalho e de lazer – e a justiça social, que desde cedo a impeliu a olhar para aqueles de que ninguém fala.

Observar o trabalho industrial e a forma como os operários resolviam os problemas juntou-se ao exemplo do pai, homem a deixar-lhe de herança a

origem catalã (pelo lado genético) e a ética de trabalho (pelo lado da educação).

Como acontece à maioria, Alice Trindade não encontrou o jornalismo literário. Foi o jornalismo literário que a encontrou. Ou melhor, estava lá mesmo sem o saber. Nas preocupações sociais, tradição do gênero, e no prazer de uma boa prosa.

A constatação da descoberta surgiu apenas quando, por sugestão ou paralelismo, conseguiu identificar, nomear, etiquetar. Olhar para as frases escritas numa página e apelidá-las de jornalismo literário. Quando todas as peças do que se leu uma vida inteira parecem se encaixar. Como quem passou a tratar um texto por tu.

Uma vez descoberto, o laço com o jornalismo literário dificilmente se desata. Mas Alice Trindade, hoje vice-presidente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), em Lisboa, não se contentou com o prazer da descoberta. Passou a trabalhar para deixar um legado. O que, num país onde raros sabem identificar uma peça de jornalismo literário, não será algo de somenos importância.

Pragmática, mas criativa, Alice Trindade planeia a sua vida profissional com esmero. Prova disso é a precoce combinação feita com o marido, médico e professor catedrático: ele apostaria na sua carreira profissional nos primeiros anos juntos enquanto ela ficaria mais atenta aos filhos; ela avançaria no investimento acadêmico quando a prole fosse já mais independente. Assim se planejou e assim se cumpriu, numa demonstração de outra das características essenciais de Alice Trindade: a generosidade, a que regressaremos mais adiante.

Ainda sobre planejamento, o perfil da investigadora portuguesa alia-se aqui mais uma vez a algumas das principais facetas do jornalismo literário.

Neste caso, a fusão entre fatos (pragmatismo) e estilo literário (emoção). Que encontra o seu esplendor no gênero reportagem.

O autor de reportagens tem de fazer mais do que dizer ao seu leitor o que aconteceu – ele tem de ajudar o leitor a sentir o acontecimento. É aqui que a reportagem se torna literatura duradoura. A reportagem é reportagem tridimensional. O autor não só condensa a realidade, como ajuda o leitor a sentir o fato. Os melhores autores de reportagem são artistas no verdadeiro sentido do termo. Fazem a sua edição através de um imaginário próprio (NORTH apud HARTSOCK, 2000, p. 241, tradução nossa)

Os fatos estão para o jornalismo literário como o pragmatismo está para Alice Trindade. Sem nunca negar a emoção que a realidade possa trazer consigo. E que melhor artifício para garantir a emoção do que o imprevisto? Apesar do planejamento familiar que lhe moldou o percurso acadêmico, a investigadora portuguesa não se negou ao melhor dos ingredientes de qualquer texto que queira dar pelo nome de literário: o acaso, a que alguns prefeririam chamar destino, ou mesmo carma noutras geografias menos latinas.

Quando, brindada pelo condão do acaso, se atravessa com a agenda do primeiro encontro sobre estudos de jornalismo literário, em 2006, Alice Trindade corre a bater à porta da colega do lado, a também investigadora Isabel Soares: "Temos de ir a isto!" Como acontece à maioria das pessoas aplacadas por tamanha convicção alheia, Isabel Soares hesitou, mas captou a imperiosidade da demanda.

Fosse por instinto feminino, intuição de investigadora ou faro de jornalista, que começavam a desbravar, certo é que as duas portuguesas seguiram para Nancy, na França, para o que seria um início do que agora já não quer ter fim.

Podemos, portanto, dizer que tudo começou na França. O que, não sendo verdade, já que tudo começa muito antes de começar, sempre nos ajuda

a situar no tempo. Já o ano de 2006 já a meio quando a investigadora apresenta uma comunicação no primeiro encontro do que viria a ser a International Association for Literary Journalism Studies (IALJS), em bom português a Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário.

Podia ter sido mais uma das muitas conferências com as quais os investigadores douram o seu currículo. Mas transformou-se no primeiro ato de uma pequena revolução. Tranquila, como tudo em Alice Trindade. Revolução tanto para a investigadora, como – e mais importante – para o jornalismo literário lusófono (expressão que dificilmente faria sentido até aqui).

Recordando os fatos: era um encontro de investigadores organizado por John Bak, da então Universidade de Nancy (hoje Universidade de Lorraine), que viria a ser o primeiro presidente da Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário, forjada em Nancy.

Recorrendo à essência do estilo literário: ia ser tão emocionante. O programa previa a presença de John Hartsock, tantas vezes estudado e lido, mas nunca vivido *in loco*, ao estilo repórter.

O evento que apenas em Alice provocava tamanha comoção tornou-se no encontro da mudança para muitos, nomeadamente para a investigação portuguesa em jornalismo literário. *Against all odds*, como em tantas boas histórias, o entusiasmo de Alice Trindade esbarra com igual sentimento por parte da referência norte-americana do gênero.

Passados doze anos, Isabel Soares ainda recorda com entusiasmo todos os detalhes deste primeiro encontro entre as vindouras que ainda nem tinham consciência de o ser e os consagrados investigadores do tema. "Quando chego à conferência, em Nancy, está a Alice rodeada de todos os gurus do jornalismo literário".

Em Nancy, Alice não só conhece Hartsock, como ouve do autor de *A History of American Literary Journalism: The Emergence of a Modern Narrative Form* um incentivo que ficou registado pelas duas portuguesas: "There's more out there. This is what we need. Other voices", em português "Há mais lá fora. Isso é o que precisamos. Outras vozes", contou em entrevista para este artigo Isabel Soares, que trouxe daquela viagem uma história inesperadamente premeditória (SOARES, 2018).

Desta troca de conhecimento entre autores por demais conhecidos e outros, como os portugueses, de que não se ouvira falar nas conferências, nasceria a associação, discutida numa reunião de 15 pessoas (entre elas Alice Trindade), impulsionadas por John Bak, Bill Reynolds e John Hartsock. Nos seus fundamentos declara-se entender a área de estudo não como significante de "jornalismo sobre literatura", mas sim "jornalismo como literatura".

O olhar das duas portuguesas era tão novo que se tornava difícil imaginar uma adoção logo à nascença. Mas foi assim que aconteceu. Depois deste primeiro encontro nasce a IALJS, de que Alice Trindade viria a ser presidente em 2010.

Em Portugal, onde não havia ainda uma rede de investigadores na área, organiza-se a primeira conferência em 2008. Dois anos depois, Alice Trindade torna-se a primeira mulher a presidir à associação de estudos de jornalismo literário.

A viagem até Nancy², para a qual arrastou a investigadora Isabel Soares, instada a descobrir o fascínio pelo jornalismo literário no mesmo encontro, nasce do pretexto que parecia perfeito para conhecer Hartsock³, um dos autores favoritos de Alice. Quando toma a decisão de rumar a França ainda não o sabia, mas esta viagem mudaria a vida profissional de Alice – e possivelmente do jornalismo literário lusófono.

A conquista tem o valor que se entender atribuir ao fato de se dar vida a uma nova área de estudos num país. Mais: a uma família linguística - a lusófona. Como nos explicou David Abrahamson, também fundador e ex-presidente da IALJS, o jornalismo literário existirá onde quer que se pratique jornalismo. Mas o seu registo de nascimento fica dependente de uma academia que o identifique, dando-lhe credibilidade e massa crítica:

Julgo que o jornalismo literário pode ser encontrado em quase todas as culturas onde se produza o que é geralmente visto como jornalismo. A atual primazia das sociedades anglo-saxônicas (EUA, Reino Unido, Canadá e Austrália) no que diz respeito ao jornalismo literário nasce do fato de nesses países as academias terem começado a estudar o jornalismo literário há mais tempo, desde meados do século XX, como uma disciplina válida. (ABRAHAMSON, 2018)

De fato, ao contrário do que acontecerá noutros países, nomeadamente os anglo saxônicos, Portugal, tal como outros territórios latinos, resiste à nomenclatura jornalismo literário, preferindo fixar-se pela reportagem para categorizar a informação que não se limita a dar as notícias.

Ora, sendo certo que a reportagem e a crônica serão dois dos gêneros que poderão integrar a categoria de jornalismo literário, uma e outra expressão não se anulam. Ao contrário, entende o angolano Luís Fernando:

Não nos sentamos a pensar que vamos escrever jornalismo literário. Essa classificação vem depois, pelos estudiosos. Eu só sei que faço esse tipo de jornalismo depois de classificado pelos críticos. O Jornalismo Literário manifesta-se em determinados gêneros. A notícia limita-se aos fatos. Não dá espaço ao jornalismo literário, que tem como um dos campos de manifestação a reportagem. Para mim, todas as minhas reportagens são jornalismo literário (FERNANDO, 2018).

Jornalista há 39 anos, Luís Fernando, nascido em 1961 perto do Uíge, bolsista para estudar jornalismo em Cuba e premiado com a maior distinção para repórteres angolanos, o Prémio Maboque de Jornalismo, 2011, lembra-se bem do dia em que Alice Trindade começou a se interessar pelo seu trabalho

pelo prisma do jornalismo literário. "Ai, diretor, uma senhora portuguesa tem telefonado... Nem sei bem explicar o que ela quer" (FERNANDO, 2018).

De tal forma a noção de jornalismo literário era estranha aos angolanos que a chamada telefônica da investigadora portuguesa, além de considerada surpreendente, foi direcionada para a distribuição do jornal *O País*, onde Luís Fernando trabalhava.

Isso, depois de uma tentativa quase detectivesca, à boa maneira do jornalismo de investigação, em que Alice Trindade descobre na internet as crônicas escritas por Luís Fernando, contata a empresa e dá início à busca pelo jornalista que lá tão longe recorria também à língua portuguesa para contar histórias de angolanos. As dos que não têm voz, como é apanágio do jornalismo de profundidade, e o mesmo é dizer, do jornalismo literário. Como escreveu Connery (1992), "o que está na periferia de um tema para o jornalismo convencional pode ser de interesse central para o jornalismo literário". Além de ter criado uma pequena legião de novos investigadores na área em Portugal, Alice Trindade tem dedicado os últimos anos a investigar (e, com isso, descobrir) autores lusófonos de jornalismo literário como Luís Fernando.

Como a própria investigadora concluiu (TRINDADE, 2016), o jornalismo literário dedica-se a temas que estão na agenda midiática e é feito por jornalistas que não se sabem categorizados nesse gênero. Mas cujos textos permitem a aproximação aos heróis do cotidiano, de vendedoras ambulantes, a migrantes e viajantes.

Luís Fernando pretende, nos seus artigos, mostrar os seus conterrâneos, as suas características e pertenças, o que significa ter uma identidade angolana, por oposição a outras e em consonância com o que os cidadãos deste país vão construindo para se definir, mostrar o que é 'o angolano'. Mostrar, desfamiliarizando, pois o que é óbvio, visto todos os dias e entendido como 'natural' não tem, forçosamente que ser assim. O discurso alternativo do jornalismo literário permite esse olhar reflexivo. (TRINDADE, 2016)

Por várias vezes, Alice Trindade alerta nos seus artigos científicos para esta característica do jornalismo literário que permite encontrar a verdade nos detalhes da vida real e do cotidiano (TRINDADE; INÁCIO, 2017), num esforço claro para ir de encontro ao cidadão comum. Ou, como diria, Sims (1995), o jornalismo que homenageia os simples.

Autor de onze livros⁴, a maioria de crônicas, Luís Fernando, atualmente Secretário para os Assuntos da Comunicação Institucional e da Imprensa do presidente da República angolano, João Lourenço, recorda em entrevista para este artigo que ouviu falar pela primeira vez em jornalismo literário quando estudava em Cuba, nos anos 1980.

Depois de ler José Alejandro Rodríguez no jornal cubano *Juventud Rebelde*, pensou: "Luís, este é com quem te identificas" (FERNANDO, 2018). Com Rodríguez vieram outras referências latino-americanas como o inevitável Gabriel García Marques, especialmente com a reportagem *Operação Carlota*, sobre a presença das tropas cubanas em Angola nos anos 1970. Luís Fernando leu, interiorizou e disse de si para consigo: "É isto mesmo" (FERNANDO, 2018).

De volta a Angola, o jornalista fez questão de por em prática o gênero que tanto o tinha apaixonado. Com a decisão vieram os comentários dos leitores, em jeito de incentivo: "Luís, leio-te e parece que estou lá". Dir-se-ia que eram já dramáticos sintomas de jornalismo literário. Mas, num país em guerra e sem liberdade de expressão, o estudo dos média era uma miragem.

No entanto, também é verdade que um dos efeitos colaterais das ditaduras é, com frequência, o chamamento da criatividade. Premidos pelos regimes de terror, os autores procuram caminhos alternativos, como explica Luís Fernando:

O jornalismo literário pode ser uma forma de resistência em países que vivem em ditadura. Grandes penas deste país tiveram necessidade de enveredar pelo jornalismo literário porque nos temas

de política não tinham a mínima hipótese. A margem era tão estreita que enlouquecíamos se não tivéssemos o jornalismo literário (FERNANDO, 2018)

As impressões sobre o que escrevia guardou-as para si. A classificação só viria muitos anos depois. Pela análise crítica e olhar de Alice Trindade. Luís Fernando confessa-se surpreendido com a capacidade de compreender outros mundos, tão distantes, demonstrada pelas investigações de Alice Trindade. "Como é possível chegar ao âmago de outro com tanta facilidade? É como verme ao espelho. A Alice leva-me a olhar de forma incisiva para o meu trabalho. Respira-se à distância que é de uma competência acima de qualquer suspeita." (FERNANDO, 2018).

A surpresa e satisfação do jornalista angolano prende-se com a constatação de que um dos maiores problemas de Angola nesta área é a falta de crítica literária ou jornalística. "Cada um trabalha por si. Gostei que tivéssemos, através da Alice, visibilidade com sustentação científica. É perigoso não haver quem separe as águas. O que ela faz é muito mais importante do que vender cem livros." (FERNANDO, 2018)

Mais do que dedicar-se ao jornalismo literário, Alice Trindade tem procurado dedicar-se a novas geografias da categoria. Novas não porque só agora tenham nascido, mas porque só agora foram identificadas, catalogadas e aprofundadas.

Nesse caminho, a investigadora concluiu que as histórias de Luís Fernando cumprem as condições de detalhe, ponto de vista, estilo de jornalismo literário tal como é concebido no hemisfério norte. Além disso, as crônicas do autor angolano acrescentam temáticas e uma estética africana próprias, recorrendo a expressões típicas do povo angolano. "Não será o jornalismo literário da tradição do leste europeu de reportagem; não será o

jornalismo literário dos EUA, na senda de Wolfe ou de Joseph Mitchell. Aproxima-se talvez mais da tradição da crônica latino-americana" (TRINDADE, 2016).

A escrita, a temática e o tipo de linguagem levam Alice Trindade a concluir que se trata de jornalismo literário angolano. Pelas regras associadas ao gênero, mas seguindo novos caminhos. "O repositório das notícias que não são suscetíveis de causar perturbação política, mas que consolidam e reconhecem a existência dos menos poderosos, o que em Angola, como em qualquer lugar do mundo, é de relevo bastante" (TRINDADE, 2016). É o jornalismo literário do contador de histórias, como o próprio Luís Fernando gosta de se definir.

A busca da investigadora por diversas realidades sociais nos autores que estuda pode justificar-se com a visão de jornalismo literário que já defendia na sua tese (TRINDADE, 2006, p. 15): um tipo de escrita dirigida a um público que não é socialmente uniforme e baseada em autores de diferentes origens sociais e culturais.

Antes de desligar a chamada que fazemos pela internet, Luís Fernando não resiste a virar a câmara para me mostrar os maracujás que acaba de plantar na sua varanda, vigiados diariamente, com esmero. "Gosto de ver a vida brotar. Depois é um compromisso - agora que nasceu, não pode morrer" (FERNANDO, 2018).

Também isso é jornalismo literário: olhar para o que nos rodeia e cuidar. Por um mundo melhor.

O que retrata Luís Fernando nas suas crônicas são "real people with real stories", pessoas reais com histórias reais, uma das características do jornalismo literário resumidas pela investigadora Rita Amorim. "Há uma imersão. Permite

ver os lugares, as gentes, os odores e cores através dos olhos e sentidos do repórter. Os fatos, mas vividos pelo jornalista" (AMORIM, 2018)

Levada pela mão de Alice para o ISCSP, depois de 13 anos a ensinar no Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Rita Amorim reconhece que a vice-presidente do ISCSP tem sido um farol profissional.

Tanto que Rita Amorim, em parceria com outra colega, Raquel Baltazar, fez questão de retribuir a dádiva desta descoberta. Um dia, as professoras de inglês para as ciências sociais batem à porta do gabinete de Alice. Tinham uma prenda para lhe dar: depois de analisarem as crônicas do escritor José Luís Peixoto a partir das lentes do jornalismo literário, iam publicar um artigo sobre o tema. Mantida na ignorância até aí, Alice Trindade recebeu a dádiva-surpresa-acadêmica (o mimo) com aqueles olhos que riem e aquele sorriso que abraça. Mais importante, recebeu-a como prova de que a investigação em jornalismo literário começava a conseguir andar pelo próprio pé em Portugal.

Depois deste primeiro tema, admite Rita Amorim, a nova dupla de estudiosas do jornalismo literário nunca mais parou. Para o encontro internacional de 2018 da IALJS, em Viena, Rita e Raquel levaram uma comunicação sobre a autora Raquel Ochoa e a sua literatura de viagens.

Chegada ao jornalismo literário por influência de Alice Trindade, e mantida nele pela paixão que acomete quem quer que se lhe aproxime, Rita Amorim confessa-se rendida à imersão que estes textos oferecem, permitindo ao leitor ver através dos olhos do jornalista, dando a sensação de ser "testemunha, de estar lá".

A professora de Inglês para as Ciências Sociais do ISCSP encarna a prova de que o legado de Alice Trindade para o jornalismo literário já começou. Em apenas um ano, Rita Amorim, em coautoria com a colega Raquel Baltazar,

publicou já quatro artigos⁵ sobre o jornalismo literário que se faz em Portugal e em Português.

Com esta tendência, recente, mas intensa, a amiga de Alice Trindade revela-se rendida aos textos que lhe foram dados a conhecer pela coorientadora de doutoramento. Colegas enquanto ainda docentes no ISLA, em 1987, mas ainda mais companheiras, daquelas seladas por gravidezes simultâneas – perfazendo dois filhos de 30 anos e uma amizade com o mesmo tempo de vida –, Rita Amorim acredita que Alice Trindade está a criar um filão de investigadores em jornalismo literário de língua portuguesa.

Impulsionadora do gênero em Português, o empenho de Alice Trindade começou já a galgar fronteiras. Admitindo que até ao encontro de Nancy nunca tinha ouvido falar de jornalismo literário escrito em Português, David Abrahamson nota agora uma diferença substancial. Com um toque de Alice. "Na última década passei a estar muito atento ao jornalismo literário lusófono. É baseado numa longa tradição de contar histórias, com as suas características, vozes e temas muito próprios". (ABRAHAMSON, 2018)

Qualquer amante de jornalismo literário, ainda que novo amante, reconhecerá as virtudes de valorizar uma potencial linha de investigação, mesmo com um tema já exaurido noutras geografias. A aposta de Alice Trindade tem trazido novos ventos ao próprio instituto, o ISCSP, onde passou a ter um papel de liderança, ocupando o cargo de primeira vice-presidente, em 2012.

Escolhida pelo atual presidente, Manuel Meirinho, convicto de que estaria perante uma pessoa capaz de agregar e, ao mesmo tempo, inovar, Alice Trindade vai já no terceiro mandato, sendo a mulher a ocupar o cargo há mais tempo na história do ISCSP.

Numa escola superior com 112 anos e tradição em estudos políticos, o perfil de Alice Trindade não era o mais ortodoxo. Mulher, estreada em lideranças e oriunda de outras instituições (Faculdade de Letras do Porto e Universidade Aberta, em Lisboa), vem quebrar o fechamento implícito na expressão "iscspiano", conotada aos que fizeram todo o percurso acadêmico exclusivamente na mesma instituição.

Hoje, Alice Trindade é responsável pela unidade de desenvolvimento que dá apoio às pós-graduações, envolvendo 30 cursos, 150 professores e mais de 300 alunos. Além de ter liderado o grupo de línguas e de ser responsável pelo projeto de inclusão social do Instituto.

Apesar do seu feitio conciliador, Alice Trindade tem sempre uma parte de si a esgueirar-se para o novo – o desafiador. Isso mesmo lhe reconhece o homem que a chamou para trabalhar com ele há mais de seis anos, quando não eram ainda amigos. "Antes da Alice o jornalismo literário estava no grau zero. Passou a ter uma importância estratégica para o instituto, pela dinamização das línguas, cooperação internacional e internacionalização que permite" (MEIRINHO, 2018)

Representante do ISCSP na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), onde o instituto está como observador e consultor, a investigadora aproveitou a tradição portuguesa e o legado da lusofonia para por o jornalismo literário no mapa da investigação, permitindo dinamizar vertentes de cooperação e internacionalização. Notando que o jornalismo literário não é uma área natural do instituto, Meirinho reconhece, ainda assim, que tem vindo a ganhar importância estratégica para a escola.

Motivado pelo próximo passo que acredita ser o adequado para Alice Trindade, a agregação, o presidente do instituto entende que a professora poderia ter deixado já de dar aulas. Mas isso seria contrário à natureza de uma

servidora pública, de alguém que "está para servir a instituição" (MEIRINHO, 2018).

Trabalhadora, chega ao instituto às oito da manhã. Aberta e boa ouvinte, acomoda e consensualiza em nome da escola. Sempre com os valores e o rigor como pano de fundo, Meirinho não tem dúvidas de que trazer esta mulher apaixonada pelo jornalismo literário para a liderança do instituto foi uma aposta ganha.

Opinião secundada por David Abrahamson, que conheceu a professora portuguesa em 2006, aquando da conferência dedicada ao aniversário dos cem anos da publicação de *A Selva*, de Upton Sinclair. Alice Trindade participava com uma comunicação, pois dedicara parte da sua investigação para a tese à obra de Sinclair. "As qualidades da Alice são fáceis de nomear: honesta e franca, inteligente, amável e idealista, mas também pragmática e realista. Alguém por quem se sente a admiração e respeito só possível, pela minha experiência, quando se tem uma extraordinária autoridade moral" (MEIRINHO, 2018).

Se, como diz Sims (1995), "o jornalismo literário homenageia as vidas comuns", Alice Trindade segue-lhe os passos. Quando, nos tempos de escola, a investigadora impunha o passo acelerado e obrigava a melhor amiga, Ana Maria Almeida, a saltitar no seu encalce para não ficar para trás, as conversas não eram ainda sobre literatura, quanto mais sobre jornalismo literário. Vizinhas em prédios contíguos e colegas de carteira, Alice e Ana Maria não sabiam que uma usaria os conhecimentos de Inglês para se especializar em certificação de qualidade e ambiente, enquanto a outra preferiria uma carreira na investigação que ajudasse a traduzir o mundo. E o humano.

Dir-se-ia que para tal Alice Trindade poderia ter escolhido a Sociologia ou até a Psicologia. Mas os verões passados em Inglaterra, em casa de amigos dos pais, e as horas dadas à indústria têxtil, onde o pai trabalhava, para ajudar

nas traduções, acabariam por alimentar o amor à língua – e às palavras. Mais importante: ao poder das palavras.

Alice Trindade ainda não o podia adivinhar, mas essa conjugação entre gosto pela leitura e experiência do que é ser trabalhador fabril acabaria por guiá-la até ao gênero jornalístico que tem como pretensão o combate às injustiças. A inquietude estava lá. O livro do autor norte-americano Upton Sinclair, *The Jungle* (A Selva), uma denúncia sobre as condições de vida dos operários da indústria da carne em Chicago, a que Alice dedicou a dissertação de mestrado, faria o resto.

Ainda não era a dedicação assumida ao jornalismo literário. Antes disso viriam o sotaque *British* aprendido nos verões em Londres, as autorizações de saídas pouco flexíveis que convidavam à reflexão e ao nariz metido nos livros, e um pai catalão, de quem herda o apelido Donat, a anteceder Trindade, bem como a cultura de exigência.

O resultado foi uma maturidade intelectual precoce e acima da média, sem nunca perder o prazer de uma boa gargalhada. "Tudo nos fazia rir", recorda a ainda hoje grande amiga, Ana Maria Almeida (ALMEIDA, 2018).

Ao contrário do que talvez se aproxime mais da norma, Alice Trindade foi mandona e altiva quando, ainda jovem, não tinha de mandar em ninguém, e dialogante à medida que se torna adulta. A evolução viria a revelar-se promissora, já que a capacidade para a mudança tranquila é hoje a qualidade que todos – da família, aos colegas, passando pelos subordinados e chefias – lhe elogiam.

Assim como as amigas, também o casamento chegou antes de sequer se imaginar que a expressão jornalismo literário viria a tornar-se um membro da família. Um encontro de amigos harmonizou os interesses de Alice e Hélder Trindade, na pastelaria Galeto, na capital portuguesa. A geografia genética – ele

de Lisboa, cinco anos mais velho, ela do Porto – seria talvez a única grande distância entre os dois. Em tudo o resto se identificavam: ambos investigadores e estudiosos; ambos amantes de livros; ambos calmos e resilientes.

Mulher, logo dona de um relógio biológico intransigente, Alice pôs o cuidar dos filhos (João Francisco, hoje com 32 anos e Irene, de 30) na dianteira, enquanto Hélder Trindade fazia a especialidade em hematologia, tendo sido um dos primeiros a dedicar-se ao estudo do vírus da imunodeficiência, VIH, em Portugal, e, mais tarde, presidente do Instituto do Sangue e da Transplantação durante quinze anos.

Ocupado com a vida profissional, mas, tal como a mulher, atento ao mundo, Hélder Trindade começa a publicar livros para contar as desventuras da profissão médica e explorar os medos do que será o futuro (ou a falta dele). O marido da investigadora editou o primeiro livro, *Até sempre, sr doutor*, em 2011 (Chiado Editora), uma história autobiográfica. Desde então saíram mais duas obras, *2043: o Estado Económico* (Chiado Editora, 2012) e *Timóteo Januário Esperança* (Chiado Editora, 2017). Por uma necessidade algo imperativa de registar com os dedos o que lhe vai na alma.

Tita, como carinhosamente lhe chama, está sempre na equação das opiniões mais valorizadas. Mas o tema das histórias é um dos pontos em que divergem. O médico gosta de imaginar mundos que não existem e vê futuros negros num presente próximo. A professora e investigadora mantém-se fiel aos fatos - e ao otimismo.

Tendo escolhido uma companheira cuja imagem se funde nos livros logo pela manhã, seja a ler uma Agatha Christie, um romance ou um texto académico, Hélder Trindade admite, no entanto, que não partilha com Alice o prazer de um texto de jornalismo literário.

Afastado dos jornais por o jornalismo noticioso lhe ter deixado memórias demasiado negativas enquanto presidente do Instituto Português do Sangue, o médico prefere os livros à atualidade. Mas a experiência de liderança deixou aprendizagens que lhe permitem analisar com conhecimento de causa a atitude da mulher enquanto dirigente de uma instituição. "A maneira aparentemente serena como lida com os problemas é das coisas mais importantes que um líder pode ter, sobretudo num meio como o universitário, onde os egos são muito grandes" (TRINDADE, 2018).

A simplicidade que todos reconhecem à professora e investigadora afastaria palavras como "complexa" para a adjetivar, mas Hélder Trindade não alinha nessa visão simplista. Muito complexa, porque inteligente sem fazer disso alarde, podendo enganar os menos bafejados pelo dom da observação, assim a retrataria o companheiro de sempre.

Poucas coisas dirão mais sobre o fundo de alguém do que a perceção de um filho. Mesmo quando falamos de trabalho. Mesmo quando falamos da academia. Mesmo quando falamos de uma portuguesa que, já no século XXI, começou a desbravar o caminho do jornalismo literário lusófono, ângulo praticamente inexplorado dentro da temática.

Casaquinho de rainha de Inglaterra a compor a figura, sorridente e disponível. É assim que a filha Irene, médica, encontra a mãe nos meandros do pensamento lógico se lhe pedirmos uma imagem. A descrição, calorosa, revela – em coerência – uma das principais qualidades de Alice Trindade: a descrição.

Chegar a vice-presidente de um instituto tradicional e masculino não foi fácil. Resultado de sacrifícios – silenciosos, como dita a personalidade da investigadora –, o máximo que a família lhe notou foi uma ansiedade até ali inexistente nos primeiros tempos de ISCSP.

De resto, as (poucas) queixas só chegam depois de passada a tempestade. Reuniões intermináveis e, sobretudo, as injustiças são das poucas coisas que fazem Alice Trindade perder a calma. Mesmo assim, raramente.

Mais frequente é usar a cabeça – e os livros – para enfrentar os problemas. Tanto os seus, como os dos mais próximos. Quando a filha esteve internada várias semanas, depois de um acidente que lhe provocou queimaduras graves, Alice não largou as enfermeiras até lhe permitirem levar para a Unidade de Cuidados Intensivos o autor favorito de Irene, Oliver Sacks. Desinfetado, como convém num serviço obrigado a rigores extremos devido ao elevado risco de infeções.

Habitados ao vai e vem de livros lá por casa, a filha consegue marcar no tempo da família o nascimento do jornalismo literário. Perante uma nova caixa da Amazon, reviravam os olhos e comentavam, em jeito de gozo: "Lá vem mais um livro do Tom Wolfe!" (TRINDADE, I., 2018).

Os filhos gostam de a compensar pelo apoio incondicional, mas já perceberam que os tapetes de ioga são para ficar no armário. Mais certo será um bilhete para um concerto de música clássica. Ou uma visita surpresa da neta Clarinha, nascida há poucos meses.

O estudo da realidade era, já se viu, o mote de Alice Trindade. Mas como cumprir esse desígnio tendo seguido Estudos Ingleses e Alemães? Como fazê-lo observando formatos literários? Como acrescentar alguma coisa a uma área já tão esmiuçada como estudos americanos?

A resposta levou tempo, mas quando chegou era tão evidente que se apresentou como clarividência.

A não ficção criativa dá ao escritor mais liberdade artística – não em relação à verdade mas na construção da história. Em última análise, o objetivo da não ficção criativa é comunicar informação, tal como o

repórter, mas moldando-a de uma tal forma que se lê como ficção (GUTKIND, 2007, p. xii).

Afinal, realidade e estilo literário já se fundiam há muito. Só era preciso olhar para a miscelânea com foco científico – e dá-la a conhecer aos investigadores portugueses.

Depois da tese de doutorado, Alice Trindade passa a analisar cada vez mais textos com histórias que vão para além do que é aparente. Com os alunos, usa de forma crescente textos de jornalismo literário. E a reação não podia ser melhor. "Wolfe é um doutor em estudos americanos que se interessou por franjas. O jornalismo literário permite apresentar de forma próxima ao leitor assuntos que a História não foca. É o tal primeiro rascunho da história", conta-nos a investigadora.

A utilidade pedagógica alia-se, assim, ao interesse pessoal por este tipo de textos, embora o jornalismo literário não estivesse ainda na agenda académica. O tempo, acredita, tem vindo a dar razão à aposta de Alice Trindade. Basta atentar um pouco na tão badalada questão das *fake news*. A prevalência crescente da má informação levou o Dicionário de Oxford a nomear, em 2016, a expressão "pós-verdade" como palavra do ano.

Os mesmos autores que alertam para este detalhe (LEWANDOWSKY et al, 2017) recordam o impacto da informação falsa nas eleições americanas, com Donald Trump a usá-las 70% das vezes e Hillary Clinton 26 por cento.

Sendo certo que o uso de conteúdos enganosos está longe de ser uma novidade na política, a verdade é que ganhou importância – e gravidade – graças às infinitas possibilidades da tecnologia. Basta pensar-se no exemplo da pequena cidade de Veles, na Macedônia. Com apenas 45 mil habitantes, nos

últimos anos tornou-se a base do lançamento de cerca de 150 *sites* de notícias inventadas, todas com domínios americanos.

Algumas destas plataformas eram geridas por menores de idade, que assumiam tratar-se de uma forma fácil de fazer dinheiro. Com conteúdos majoritariamente falsos e inventados, jovens de 16 e 17 anos conseguiram ganhar 5 mil dólares por mês, ou mesmo 3 mil dólares por dia quando a história era um sucesso no *Facebook*. Os mesmos menores apostam agora em sites de saúde, também administrados a partir de Veles. Alguns atingem um milhão de *pageviews* por mês (SILVERMAN, 2018).

Não sendo este um artigo sobre *fake news*, o tema importa aqui por nos ajudar a compreender a missão do jornalismo literário, como é entendida por Alice Trindade. "Leva tempo, pesquisa e empenho, devendo ser algo a preservar, não como objeto de museu, mas como algo vivo. É um jornalismo pensante, pensado e que dá que pensar. Faz reflexão quem o escreve e faz refletir quem o lê. Por isso, denuncia falsidades."

Tais características levam a investigadora portuguesa a atribuir relevo extraordinário ao jornalismo literário, também como forma de motivar os alunos, um gosto adquirido, que dá trabalho e leva tempo. Mas compensa: "A riqueza destes textos não tem paralelo. Um professor precisa de despertar interesse e sentido crítico nos estudantes, vulneráveis a totalitarismos intelectuais, especialmente quando as *fake* e *fast news* se tornaram tão apetecíveis e prejudiciais" (TRINDADE, 2018).

Devolvendo a palavra às reflexões publicadas pela investigadora que quisemos dar a conhecer com este artigo, podemos afirmar que o futuro do jornalismo literário nunca esteve tão perto de se fundir com o futuro do próprio jornalismo como agora.

O jornalismo literário tornou-se parte da tradição de espalhar o conceito de valor notícia. Como tal é parte de uma evolução no sentido da redução de falhas de informação e de conhecimento entre os cidadãos de todo o mundo (TRINDADE, 2012).

Reconhecendo que inicialmente não tinha noção de estar a fazer algo pioneiro, Alice Trindade encara agora a aposta no jornalismo literário como uma missão não apenas pessoal, mas também institucional e, acima de tudo, social.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAMSON, D. Entrevista concedida por mail a 4 de abril de 2018.
- ALMEIDA, A. M. Entrevista telefónica a 2 de abril de 2018.
- AMORIM, R. Resposta a entrevista de 11 de abril de 2018.
- AMORIM, R. e BALTAZAR, R. Raquel Ochoa 'O Vento dos Outros': Travel Literary Journalism from a feminine perspective. *Literary Journalism Studies*, v. 11, n. 2, 2019.
- AMORIM, R.; BALTAZAR, R. The Crónicas of José Luís Peixoto: a contribute and a landmark of Literary Journalism in Portugal. *Literary Journalism Studies*, v. 11. n. 2, 2019.
- CONNERY, T. B. A sourcebook of American Literary Journalism. Representative writers in an emerging genre. New York: Greenwood Press, 1992.
- FERNANDO, L. Resposta a entrevista de 15 de abril de 2018.
- GUTKIND, L. The best creative non fiction. Vol. 1. New York: Norton, 2007.
- HARTSOCK, J. C. A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.
- KAPUSCINSKI, R. The Other. London: Verso, 2008.
- LEWANDOWSKY et all. Beyond misinformation: understanding and coping with post-truth Era. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, v. 6, n. 4, p. 363-369, 2017.
- LOUNSBERRY, B. The Art of fact. Contemporary artists of nonfiction. New York: Greenwood Press, 1990.
- MEIRINHO, M. Resposta a entrevista de 17 de abril de 2018.

SILVERMAN, C.; ALEXANDER, L. How teens in the Balkans are duping Trump supporters with fake news. **Lapham's Quarterly: A history of fake news**, p. 9-11, 2018.

SIMS, N.; KRAMER, M. (Eds.) *Literary Journalism. A new collection of the best American nonfiction*. New York: Ballantine Books, 1995.

SOARES, I. Resposta a entrevista de 21 de fevereiro de 2018.

TRINDADE, A. D. Angola- territory and identity. *Chronicles* by Luís Fernando. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 23, 2016, p. 97. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24636>. Data de acesso: 24 mai 2018.

TRINDADE, A. D. Keynote address. *Literary Journalism: many Voices, multiple languages*. **Literary Journalism Studies**, v. 9, n. 2, p. 93-107, 2017.

TRINDADE, A; INÁCIO, R. Jornalismo Literário, direitos humanos e integração: um caso português. *Cuadernos.Info*, v. 40, p. 235-249, 2017.

TRINDADE, A. News that last: quatro momentos de Jornalismo Literário Americano no século XX. Tese de Doutorado o no ramo de Estudos Americanos. Universidade Aberta: Lisboa, 2006.

TRINDADE, A. What will the Future Bring. **Literary Journalism Studies**, v. 4, 2, p. 101-105, 2006.

TRINDADE, A. Resposta a entrevistas de 21 de fevereiro e 4 de abril de 2018.

TRINDADE, H. Resposta a entrevista de 11 de abril de 2018.

TRINDADE, I. Resposta a entrevista de 12 de abril de 2018.

WEBER, R. *The literature of fact. Literary nonfiction in American writing*. Athens: Ohio University Press, 1980.

¹ TRINDADE, A. (2006) *News That Last - Quatro Momentos de Jornalismo Literário Americano no século XX*. Tese de Doutoramento no ramo de Estudos Americanos. Universidade Aberta: Lisboa

² Conferência do 100º aniversário da publicação de Upton Sinclair, *The Jungle*

³ Autor de: *A History of American Journalism; Literary Journalism and the Aesthetics of Experience e Seasons of a Finger Lakes Winery*

⁴ Autor da coleção *Um Ano de Vida*, baseada nas crônicas publicadas no jornal angolano *O País*

⁵ Entre eles: AMORIM, R. e BALTAZAR, R. (2019). Raquel Ochoa 'O Vento dos Outros': Travel Literary Journalism from a feminine perspective. (a publicar em 2019) e AMORIM, R. e BALTAZAR, R. (2017). *The Crônicas of José Luís Peixoto: a contribute and a landmark of Literary Journalism in Portugal*